



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



POR

JOSÉ AUGUSTO DO VALE

ERA uma vez um lavrador, ainda novato, que tinha muito pouca sorte com as suas sementeiras. Como via que a sua casa não prosperava muito, resolveu pedir conselhos a um outro lavrador, já velho e muito prático em assuntos de lavoura. Este, como bom homem que era, disse-lhe:

— «Olhe, meu amigo, a Mãe Natureza encarrega-se de nos dar conselhos em tudo, quando precisamos deles.

Por isso tome muito sentido no que lhe vou dizer: — Quando vir que o tempo começa a aquecer na Primavera e a terra a mudar de cor, depois de lavrada, isto é: — quando começa a tostar-se um bocadinho, por cima, então, repare bem que há um pequenino pássaro, muito útil á agricultura, a que chamam —

magengo — que se encarrega de lhe transmitir o seguinte aviso: — *Semeia milho... semeia milho... semeia milho...*

Portanto, quando — o *Semeia milho* — assim se manifestar, aproveite o meu amigo, essa ocasião e depois me dirá o resultado.

Assim foi. Começou a prosperidade na cultura do milho para o novo lavrador. E este, em sinal de

reconhecimento, desejando imitar em tudo o lavrador antigo, nunca mais consentiu — «nem por sombras» — que se tirasse algum ninho ou se perseguisse qualquer das *avezinhas*.

Os *magengos*, então muito satisfeitos, reuniram-se em festa e resolveram continuar a avisar, fôsse quem fôsse, sobre as sementeiras do milho.

E, como a resolução dos *magengos* ainda está le pé, é por isso que nós, ainda hoje os ouvimos em determinada altura da Primavera dizer: — *Se-*

meia milho... semeia milho... semeia milho...

*Todo aquêle que o bem pratica
Com grande satisfação fica*



HISTORIA SINGELA

Por MARIA AMERICA

Desenhos de A. Castañé

ROSA acordou com um arrepió delicioso, ao contacto da cristalina gôta de orvalho.

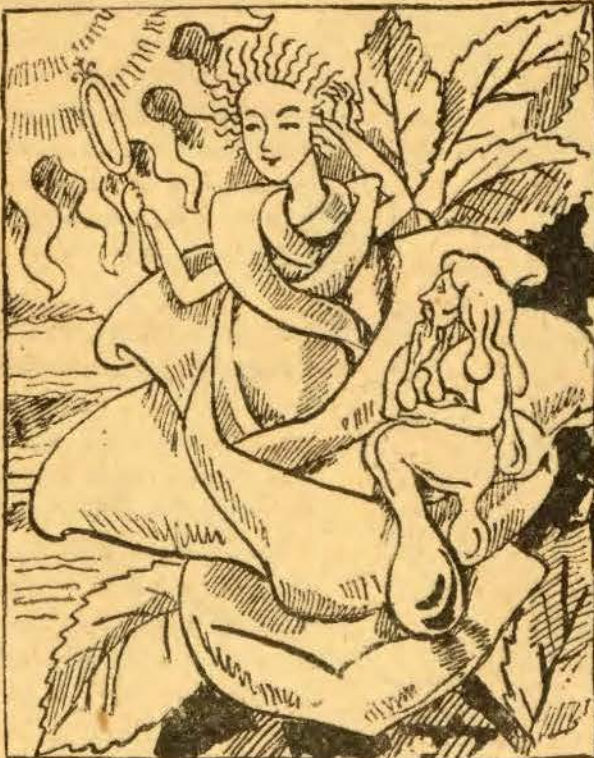
Entre-abriu as assetinadas pétalas e ainda poudo distinguir, ao longe, a fada Aurora lançando pérolas, do seu regaço, por sôbre as outras flôres.

A gotazinha de orvalho, disse-lhe, então, baixinho: — «Como estás linda, Rosa! As tuas pétalas têm hoje mais frescura, o teu porte é mais altaneiro e a tua corola ergue-se com uma graça régia do teu caule delicado. Estás tão sedutora que foste a flôr que a fada escolheu para depositar a sua primeira pérola».

O Zéfiro, perpassou ciciando: — «Deslumbrante flôr! Que mau fado o meu, que me não deixa quedo um momento, quando toda a minha ventura consistia em adejar em volta de ti, aspirando o teu estonteante perfume!

Ela sorriu e uma pontinha de vaidade pôs um estremecimento no seu caule delicado. Tudo lhe reñdia homenagem e a sua modéstia enfraquecia a cada galanteio. A fada Aurora desvaneceu-se ao longe, numa nuvem côr-de-rosa e os raiozinhos de sol desceram, doirando a copa das árvores mais altas, passando de ramo para ramo, acordando no ninho os passarinhos ainda implumes que começaram chil-

fazendo tremeluzir a gotazinha de orvalho, dando-lhe todas as côres do arco-iris. Que mais queria a rosa?! Embalada pelas palavras doces dos seus admirado-



reando, pedindo comida aos pais. Desceram, desceram, e um deles, ao ver a magestosa flôr, sorriu encantado e, num instante, envolveu na sua luz doirada,

res, abriu de todo as delicadas pétalas e recebeu, no seu seio perfumado, o raiozinho do sol que a beijou amorosamente.

Ouviu-se, então, um lamento tão triste, tão dolorido, que a bela flôr condeu-se. A bondade abafou os maus conselhos que lhe estava dando o orgulho. Era a pobre violeta, que escondida entre a folhagem, implorava à rosa, um pouco da sua felicidade. E ela pediu ao raio de sol: — «Desce lá abaixo, alegre a pobrezinha, dá-lhe o teu calor bemdito».

Mas o raio de sol, enamorado, não a escutou e disse, beijando-a com frenezim: — Deixa-me contigo, a felicidade é tão rápida, passa tão depressa, que eu quero aproveitá-la até ao último sôpro».

Então, a rosa pediu à gotinha de orvalho: — «E tu, não tens dó da violeta, coitada, tão triste e modesta que é! Dá-lhe a delícia do teu frescor e crê que realçarás mais na tua corola morena do que nas minhas pétalas de neve».

Então, a gôta de orvalho sorriu bondosamente e respondeu: — «Sim; irei mostrar à pobrezinha o teu diamantino coração»...

A rosa inclinou, gentilmente, a sua corola mimosa e a gotinha de orvalho caiu docemente entre as pé-



talas escuras e perfumadas da modesta violeta, que a recebeu radiante de felicidade.

Uma profunda simpatia uniu, desde então, as duas flores. E quando, passados dias, a rosa já murcha se desfolhou, foi junto da violeta que deixou cair as suas pétalas mortas.

Então, a violeta quiz testemunhar a sua gratidão para com a bondosa rosinha. Planeou funerais condignos. Pediu às borboletas e ervinhas o seu valioso auxílio, mas o orgulho tradicional da rainha das flores, fê-los recusar o pedido. E a grata violeta lamentava-se, sem saber a quem recorrer.

E o brando Zéfiro perpassava.

Como te venho encontrar, pobre rosa! Tão fresca, tão linda há pouco, de tão deslumbrante formosura! Foi o sopro venenoso da vaidade que te queimou tão depressa, por certo.

Era ingrato, bem o sabemos.

A violeta ouvi-o. Contou-lhe tudo e, então, o Zéfiro incumbiu-se do funeral. Brandamente, as pétalas da rosa subiram no espaço azul e sumiram-se na direcção em que se desvanece a fada Aurora. Provavelmente foram implorar à doce fada, compaixão para todas as probrezinhas modestas.

Nesta história há dois exemplos a seguir: — a bondade da rosa e o da gratidão da violeta. São dois sentimentos que devem reger as alminhas cristalinas de todas as crianças e, também, das pessoas crescidas.



**COLABORAÇÃO
INFANTIL**



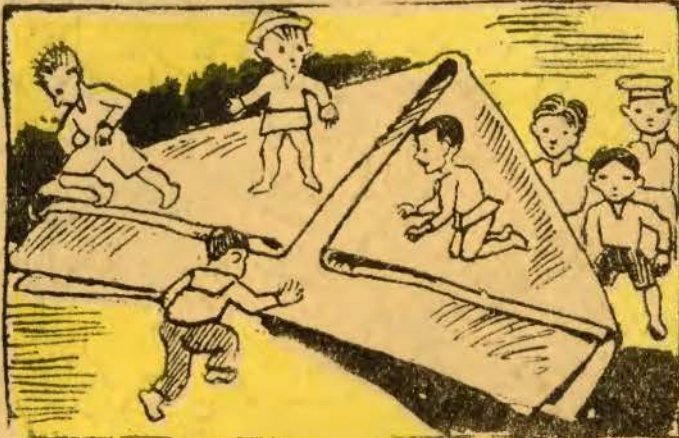
Oliver Vianna Soares
11 anos



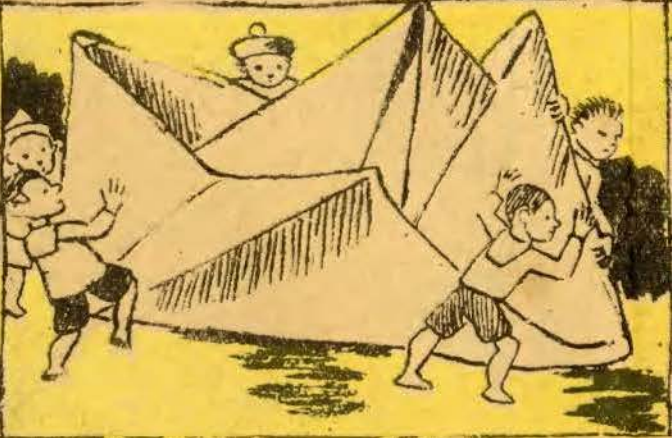
Maria
Luzia Fagundes
13 anos

Três desenhos ilustrando a história com 11 anos de idade.

"ZÉ TRAQUINAS" NO R



I — «Zé Traquinas» sonha, um dia, que na oficina naval de Bébé & Companhia, à pressa se construía um navio colossal...



II — Um navio em que ele iria, com todos os seus amigos, tentar uma travessia, arrojada, porque havia de passar bastantes p'rigos.



V — Metendo em tudo o nariz e indagando, pressurosos, com ar bastante feliz, descobrem que êsse país era o *Reino dos Gulpos*.



VI — Onde escolas não havia mas onde, em compensação, muita bolacha existia, bolacha marca «Maria» e biscoitos em montão

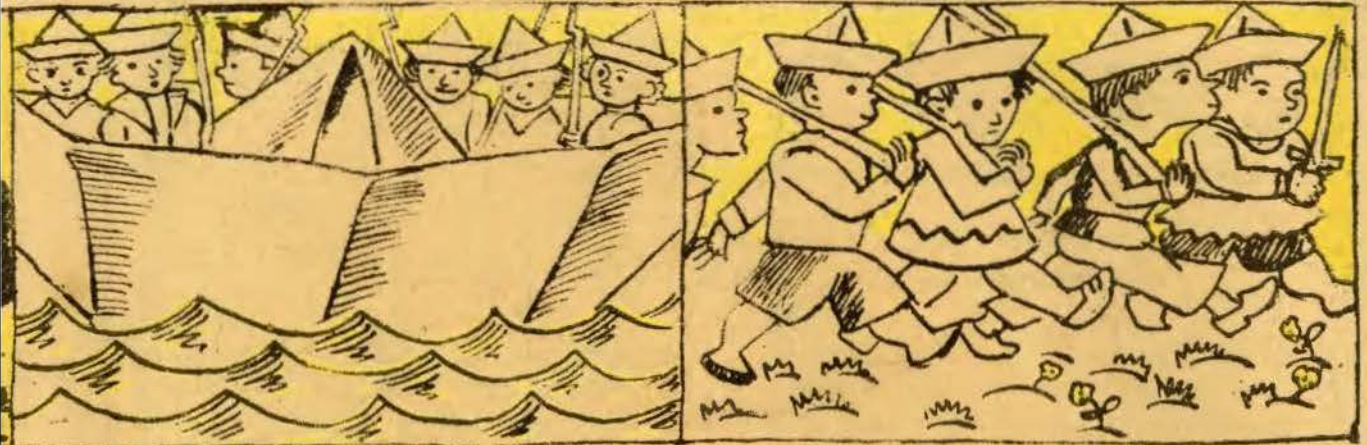


VII — Porém, com que não contavam, embora fossem afoitos sempre que se aventuravam, era a forma como achavam as bolachas e os biscoitos.



VIII — Que os levava a indagar dos amigos: — «Que tal achas o sabôr e paladar, tão estranho e singular, destes bólos e bolachas?!»

REINO DOS GULOSOS...



III — Que logo, após concluído, seguira na embarcação, entre um enorme alarido, num mar bastante mexido, para a grande expedição.

IV — E tendo feito a viagem, que correu à maravilha, afinal sem muita aragem, eles, cheios de coragem, desembarcam numa ilha.



IX — E foi na altura em que via as estrêlas, entre queixas que ninguém, sequer, ouvia, e uma bolacha «Maria» lhe acertava nas bochechas,

X — que o «Zé Traquinas» petiz, sentindo a bochecha a arder, acabou por prometer não ir mais a tal país nem mesmo em sonhos, sequer!

OUTRO DITO DE NELITA

POR ACILEGRA
DESENHOS DE CASTANÉ



SEMPRE a mesma garotinha!... Querem saber os leitorzinhos, o que me respondeu Nèlita há dias?

Pois escutem:

Foi numa quinta-feira, à tarde. Na rua, o trânsito de veículos era enorme. De instante a instante, faziam ouvir as suas buzinas ensurdecedoras, deixando atrás de si verdadeiras nuvens de pó.

Nèlita, aproveitando a ocasião em que todas estávamos entretidas nos trabalhos domésticos, esgueirou-se pela escada, saindo para a rua.

Dai a pouco tempo, dei pela sua falta e, inquieta, corri para a janela de onde a

vi brincando com miudinhas, pouco mais ou menos, da sua idade. Eu, então, chamando-a, exclamei:

— «Oh! Nèlita, vem para dentro! Não vês os automóveis que te podem atropelar?»

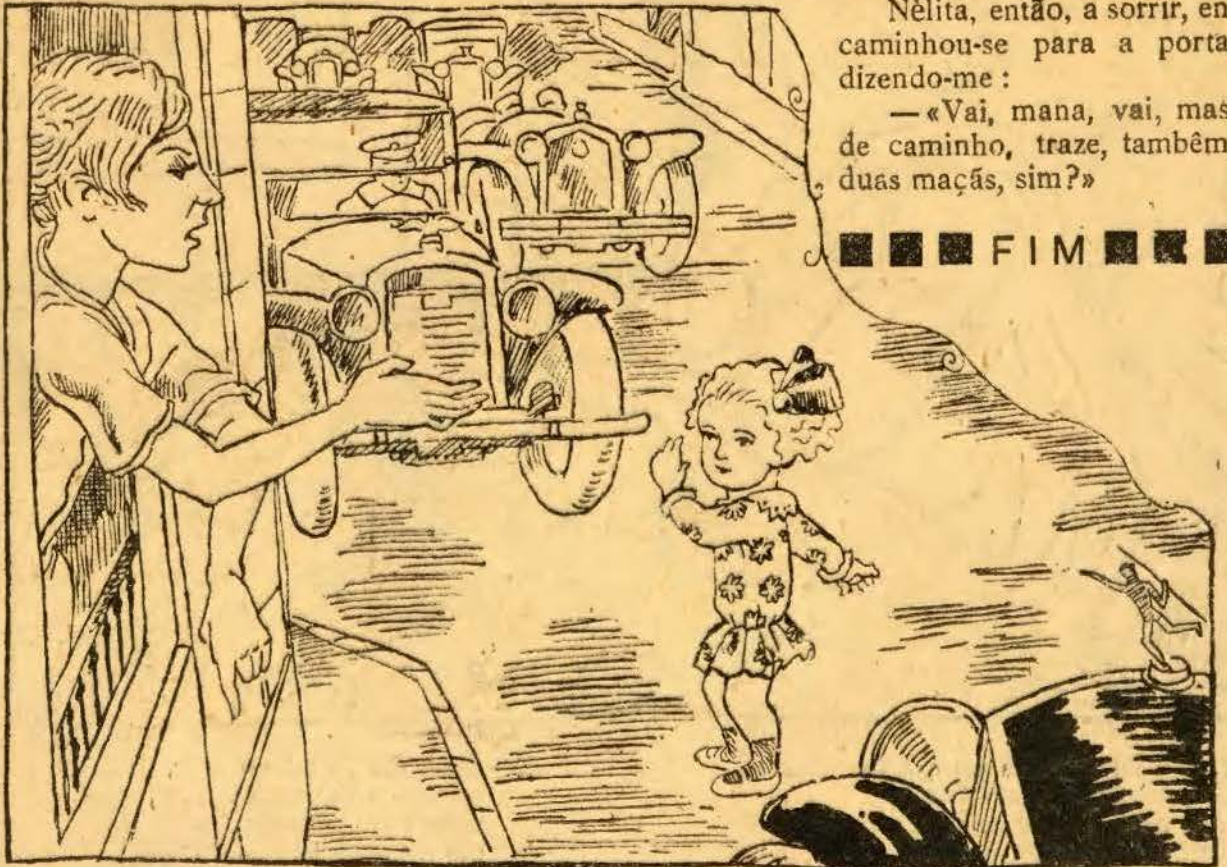
— «Deixa, mana— (disse Nèlita)—deixa, que eu ponho-lhes um pé em cima e esmago-os a todos, *totos!*»

— «Já para casa!— (tornei),— A menina é muito desobediente!— (e acrescentei para lhe causar medo)— Olhe que eu vou buscar o pau da vassoura...»

Nèlita, então, a sorrir, encaminhou-se para a porta, dizendo-me:

— «Vai, mana, vai, mas, de caminho, traze, também, duas maçãs, sim?»

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■

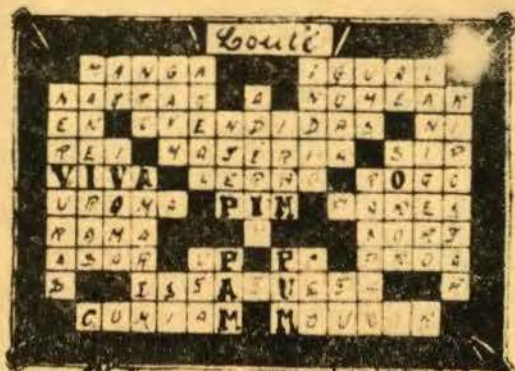


HORA DE RECREIO

A DIVINHA

Palavras cruzadas

SOLUÇÃO DO NUMERO ANTERIOR



João Polita Sampião



Correspondência

Alfredo de Gouveia Conde Antunes — Em resposta à sua carta, temos a dizer-lhe que o snr. Santa-Rita pode ser procurado na redacção do «Pim-Pam-Pum» no próximo sábado das 3 às 5 da tarde.

Charadista — Aveiro — Podes mandar o enigma a que te referes. Se estiver em condições será publicado.

Fernando Pereira — Não te metas, por enquanto, em cavalarias tão altas.

TIO PAULO

MEUS MENINOS:

Vejam se são capazes de encontrar o papá deste menino.

PARA OS MENINOS COLORIREM



O ORNITORINCO PARADOGICO — (Ornithorhynchus paradoxus)



A ALEGRIA DA PRAIA

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

BÉBÉ brinca na praia e tão entregue está à sua doce faina,
que nem vê para além do que se passa em volta de si mesmo. O Sol,
em chispas de ouro, cai, fendendo o espaço azul e o mar que nunca amaina,
no seu furôr de dar na rocha muito dura a água muito mole!

Faz castelos na areia, ora doces de fôrma, ora uma cova, um forno,
ora corre ao baloiço e *zás*, que *zás*, que *zás*, para trás, para a frente,
à viva luz do sol que até, do tólido à sombra, o próprio ar faz mórno!
Manhã de ouro e cristal; alegria sem par! O Bèbé ri, contente.

O prego, o balde, a pá, fôrmas de lata, a bola, os bichos em cautchú,
bandeirinhas de côr, fulgem à intensa luz sôbre o ouro da praia!
Otegante de sol, vermelho de calor, o Bèbé, semi-nu,
agora molha os pés na branca orla do mar, qual renda de cambraia.

Neta do Avô-Oceano, abraça a praia o mar em carinhoso amplexo,
correndo ao seu encontro; oh, que espectáculo! A praia é na Terra o P'raiso
das crianças! A praia é sua própria imagem, o seu próprio reflexo,
é o espelho da Infância, é toda a alma infantil, plena de sol e riso!

Para a queda amparar dos tenros corpos, Deus fez a macia areia,
branda, leve, subtil e fôfa, já se vê, propositadamente,
e as conchinhas e o búzio e as pedrinhas de côr, que após a maré-cheia,
êsse vélhinho avô aos pequeninos dá, como um lindo presente!

F I M